

CONSTRUÇÃO E PRODUÇÃO DE SENTIDOS EM TIRINHAS: ENTRE O DITO E O NÃO DITO

Ciro Filgueira Marinho (UFPB)

(cirofmarinho@hotmail.com)

Lucienne Claudete Espíndola (UFPB)

(lucienne_@hotmail.com)

Introdução

Uma das dificuldades para a educação linguística no ensino brasileiro é a tentativa de desenvolver a competência em leitura e a forma como esse tratamento pode ser abordado em sala de aula. O gênero tirinha (ou tiras) apresenta-se como um evento comunicativo bastante pertinente para um estudo qualitativo e interpretativo sobre as diferentes opções que os usuários da língua dispõem para construir seu texto. Buscaremos explorar a aplicação e utilização da teoria dos Pressupostos e Subentendidos, visando explorar questões de leituras pertinentes à construção e interpretação de possíveis significados em tirinhas, adota-se, neste texto, a perspectiva de Ducrot (1987, 1988).

Diante do exposto, esta pesquisa tem por objetivo refletir sobre significados pressupostos e implícitos produzidos em tirinha e sua possível contribuição para a educação linguística. O *corpus* deste trabalho limita-se à análise de cinco tirinhas, as quais fazem parte de um conjunto de textos selecionados da seção de Cartuns Diários, disponíveis no *site* da UOL, publicadas pelo Jornal Folha de S.Paulo¹.

Em um primeiro momento, abordaremos a teoria dos Pressupostos e Subentendidos, com base nas reflexões de Ducrot (1987, 1988), nas contribuições de Fiorin (2007) e Barbisan (2013). Em seguida será apresentada uma proposta de análise de textos, buscando demonstrar como o tratamento da construção e percepção de sentidos produzidos em tirinhas, na perspectiva adotada, pode ajudar a desenvolver a competência de leitura quando se dá um enfoque sobre as nuances de sentidos disponíveis ao usuário, sejam eles implícitos ou explícitos.

1. Pressupostos e Subentendidos

A teoria dos Pressupostos e Subentendidos utilizada neste trabalho alinha-se a uma preocupação discursiva que tenta explicar os conteúdos que se apresentam implícitos nos atos de fala. Isto é, busca-se examinar processos de inferências que atuam na estrutura linguístico-discursiva.

Ponderando sobre os fenômenos inferenciais desses conteúdos implícitos, em particular sobre a distinção de implicaturas generalizadas e particulares, Fiorin (2007) propõe que os conteúdos dos atos de fala podem ser explícitos (**posto**) e implícitos (**pressupostos e subentendidos**), fundamentando essa classificação na proposta de Orecchioni (1998) inspirada no linguista Oswald Ducrot.

Na perspectiva linguística adotada por Ducrot, os pressupostos e subentendidos podem ser entendidos como estratégias de argumentação utilizadas na construção de sentidos discursivos. Isto é possível porque, na perspectiva ducrotiana, a linguagem tem a característica de convencer o interlocutor. Nessa perspectiva argumentativa da linguagem e com base em um prefácio escrito por Ducrot (2009), Barbisan afirma que:

¹ Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/cartum/cartunsdiarios/>

[...] a função fundamental da linguagem é a *intersubjetividade*, o lugar onde o locutor encontra o outro, seu *interlocutor*. Então quando um locutor produz discurso, está expressando seu pensamento por meios de enunciados, e levando seu alocutário a dar-lhe uma resposta. Em decorrência, o enunciado – realização da *frase* – é definido não só nele mesmo, mas nas possibilidades que abre e que fecha para sua continuação. O sentido do enunciado não está nele, nem no outro, mas na relação que se estabelece entre ele e o outro: a realidade linguística é sempre opositiva. Em vista disso, argumentar é levar o Outro, o alocutário, a determinada continuação. Assim a argumentação torna-se fundamental na linguagem. Está inscrita na língua, é inerente a ela, está na própria natureza da *língua* (BARBISAN, 2013, p. 20-21, [itálico no original]).

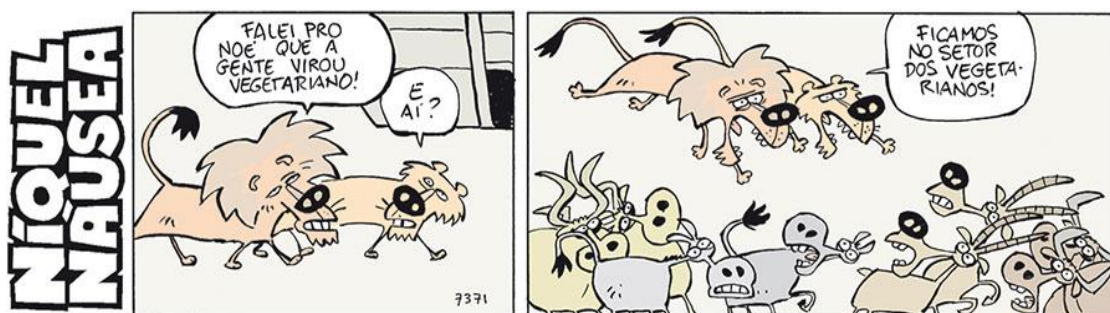
Há, nessa citação, alguns conceitos basilares da teoria: a linguagem como o encontro dos participantes enunciativos; a frase é entendida como entidade abstrata, enquanto o enunciado é concebido como uma entidade empírica, realização da frase. A relação de sentidos é levada ao uso real da língua e pode ser mostrada em diferentes níveis como os discursos, enunciados, entidades lexicais (BARBISAN, 2009).

Nesse aspecto, os fenômenos da linguagem encapsulam diferentes funções sobre um determinado enunciado, conferindo ao sentido a configuração de ser, portanto, “um retrato da enunciação” (DUCROT, 1987, p. 42) criado e atualizado na situação comunicativa.

É papel do usuário da língua decidir como as informações são organizadas na estrutura linguístico-discursiva: se colocadas de forma explícita ou de forma implícita. O fato é que muitos significados linguísticos pretendidos na comunicação advêm de um constante equilíbrio que o usuário tenta manter entre o que ele diz explicitamente e o que deixa implícito. Quanto aos significados implícitos na enunciação, Ducrot compreende que:

Dizer que pressuponho X, é dizer que pretendo obrigar o destinatário, por minha fala, a admitir X, sem por isso dar-lhe o direito de prosseguir o diálogo a propósito de X. O subentendido, ao contrário, diz respeito à maneira pela qual esse sentido é manifestado, o processo, ao termino do qual deve-se descobrir a imagem que pretendo lhe dar de minha fala. (DUCROT, 1987, p. 42)

Utilizando o enunciado da tira abaixo, procuraremos discorrer brevemente sobre a categorização proposta pelo autor.



(Disponível em: <<http://f.i.uol.com.br/folha/cartum/images/14219285.jpeg>>. Acesso em: 11 ago. 2014)

Há inferências implícitas que podem ser feitas a partir da leitura dessa tira, porém a explicação de tais inferências dependerá da teoria de que nos utilizaremos para alicerçar nossa análise. Por exemplo, a escolha do item lexical *virou*, como um verbo de mudança de estado, parece indicar e ativar um tipo de implícito que associaremos com a concepção de pressuposição em Ducrot.

(01) *Falei pro Noé que a gente virou vegetariano!*
pressuposto: Eles não eram vegetarianos

Isto é, no texto posto “*Falei pro Noé que a gente virou vegetariano!*”, há uma marcação linguisticamente presente que propõe ao usuário de língua portuguesa interpretar que o locutor dessa enunciação não era vegetariano em um momento anterior ao momento da enunciação. Essa informação é veiculada de forma implícita pelo conteúdo do posto.

Pressuposto é o “conteúdo implícito, sistematicamente associado ao sentido de uma oração, tal que a oração só pode ser verdadeira ou falsa se o conteúdo em questão for reconhecido como verdadeiro” (ILARI; GERALDO, 1994, p. 90 *apud* FERNANDES, 2007). A pressuposição, como expõe Fiorin (2007), tem uma característica de enquadramento do sentido linguístico, uma vez que “a pressuposição aprisiona o leitor ou o ouvinte numa lógica criada pelo produtor do texto, porque, enquanto o posto é proposto como verdadeiro, o pressuposto é, de certa forma, imposto como verdadeiro. Ele é apresentado como evidente, indiscutível” (p. 182).

Os pressupostos geralmente caracterizam-se também por estarem vinculados a marcadores linguístico-discursivos. O verbo “virar” é elemento linguístico responsável pela ativação do pressuposto em (01). Alguns marcadores linguístico-discursivos que ativam pressuposições são: descrições definidas; verbos factivos; verbos implicativos; verbos de mudança de estado; iterativos; sentenças clivadas; expressões temporais; prefixo re-; alguns adjetivos; certos advérbios; orações adjetivas; certas conjunções; orações adjetivas (cf. Moura, 1999; Fiorin, 2007; Espíndola, 2010).

O segundo tipo de implícito é chamado de subentendido, que é assim chamado porque caracteriza uma inferência contextual; não está marcado na estrutura linguístico-discursiva do texto. Não pode ser considerado como uma inferência de caráter indiscutível. Isto é, leituras da tirinha anterior como *Enganamos Noé, Comeremos a carne dos animais aos quais fomos agrupados*, entre outras, são inferências suscetíveis a questionamentos, já que o texto em si não traz essas informações, mas, como já mencionado, o contexto pode nos relevar esses detalhes.

Podemos, portanto, levar em conta que os participantes escolhidos como locutores da tira em questão são leões. Consequentemente, amparando tais inferências mediante a ativação de um conhecimento externo que não nos permite aceitar com facilidade a noção de que eles, os leões, sejam biologicamente vegetarianos.

Para validar tal interpretação é preciso reconhecê-la como uma inferência dependente de um contexto particular e tem origem no interlocutor; um subentendido seu. Leituras, caracterizadas como subentendidos, são de responsabilidade do interlocutor e não têm, necessariamente, origem na estrutura linguístico-discursiva. O subentendido é um “tipo de implícito que se evidencia pelo confronto do enunciado com o contexto de enunciação” (MAINGUENEAU, 1998, p. 253 *apud* FERNANDES, 2007). Nesse sentido, as inferências por subentendidos “ajudam a reconhecer”, em diferentes graus de evidências, aquilo que o locutor pode ter pretendido comunicar, pois “com os subentendidos, diz-se sem dizer, sugere-se, mas não se diz” (FIORIN, 2007, p. 184).

O subentendido, diferente do pressuposto, pode ser negado ou questionado por ser uma construção, primeiramente, individual, pois é de responsabilidade do alocutário – no nível do “tu” (DUCROT, 1987). E, por esse motivo, é fácil encontrar o uso desse termo no plural – subentendidos – devido à gama de interpretação de cada indivíduo. Ou seja, as leituras da sentença nesse nível podem variar dependendo do contexto em que esta estiver inserida.

2. Examinando inferências linguístico-discursivas em tirinhas

Buscar-se-á, agora, refletir sobre a teoria Ducrotiana, mais especificamente, sobre a contribuição das noções de pressupostos e subentendidos. Examinaremos os processos inferenciais presentes nas tirinhas analisadas, como também buscaremos descrever, brevemente, como a teoria escolhida pode ser utilizada para fomentar experiências com os conteúdos implícitos no ensino de línguas.

Desse modo, trabalhar com a teoria requer do professor que sejam feitas perguntas que questionem os alunos acerca da compreensão geral de leitura deles do texto, por meio das marcas linguístico-discursivas que ativam conteúdos implícitos nas tirinhas. Para atingir esse objetivo, é preciso questionar os alunos acerca do que se tratava a tira e, a partir de suas respostas, procurar incitá-los a refletir sobre como a produção de sentidos e efeitos diversos foram construídos.



(Disponível em: <<http://f.i.uol.com.br/folha/cartum/images/14192461.jpeg>>. Acesso em: 17 jul. 2014)

A cena enunciativa acima executa um inquérito, por parte do primeiro locutor (Helga), a fim de saber como está a manhã do segundo (Hagar). Hagar responde com a expressão temporal *ainda* e diz “*Ainda não sei...*”. A expressão *ainda*, além de comunicar proposicionalmente a incerteza atual que o segundo locutor tem quanto a sua manhã, ativa também o pressuposto de que “Mais tarde (posteriormente) poderá saber sobre sua manhã”.

A construção de sentidos na tirinha continua quando Helga, diante da fala de seu interlocutor, e reconhecendo a atual não deliberação veiculada pelo texto de Hagar, pergunta se ele quer ajudá-la a comprar um vestido novo. O pressuposto ativado pelo advérbio *ainda* é mantido, no segundo enunciado de Hagar, que não retifica esse pressuposto anteriormente ativado. Isso se dá porque o conectivo, *mas* juntamente com a locução adverbial *com certeza*, passariam a responder e a delimitar que a manhã de Hagar não estaria para a realização dessa atividade.

Há ainda interpretações implícitas possíveis que ajudariam a compreender o porquê da rejeição enfática por parte de Hagar quando convidado a acompanhar Helga na compra de um vestido. Tais interpretações incidem sobre a noção de inferências subentendidas dos leitores dessa tirinha e são valiosas para a construção de um sentido mais específico do texto. Dessa forma, compreender que o personagem Hagar pode considerar tal atividade como chata, tediosa, demorada, não satisfatória, entre outras, faz parte de uma interpretação de responsabilidade de quem interpreta a tira, dado que essas justificativas também se apoiam em experiências e contextos específicos para esses interlocutores. Isso porque, como leitores, podemos atribuir diferentes interpretações, no nível do subentendido, para essa enunciação, inclusive, ponderar sobre as causas do porquê dessas leituras. Nesse sentido, é interessante perceber que uma rejeição que se dá apenas no nível do subentendido e aponta inferencialmente motivos para não realizar tal atividade é menos brusca do que se fosse colocada de forma mais explícita ou mais saliente linguisticamente.

A tira a seguir parece utilizar da mesma estratégia de construção inferencial, colocando fortemente sua interpretação no nível do subentendido:



(Disponível em: <<http://f.i.uol.com.br/folha/cartum/images/14196292.jpeg>>. Acesso em: 17 jul. 2014)

Nesse texto, argumenta-se explicitamente, no enunciado “*Vou voar de asa-delta*”, a intenção de realizar uma ação que ainda não aconteceu através do uso da forma perifrástica do futuro do verbo *ir*. Porém a interpretação do conteúdo proposicional da resposta do segundo locutor dessa tira (Garfield), “*A casa é minha!*”, pede uma inferência (conhecimento prévio do contexto) a fim de que se encontre um contexto que explique o porquê do efeito de júbilo evidenciado no comportamento de Garfield.

O trabalho com inferências no nível dos subentendidos faz-se necessário para buscar explicações que, de certo modo, alicercem interpretações que contemplem a mudança provocada em Garfield pelo enunciado “*Vou voar de asa-delta*”. Por exemplo, a suposição ativada em um interlocutor de que voar de asa-delta implicaria em uma atividade perigosa e, portanto, suscetível a imprevistos ou acidentes, parece ser uma das possíveis formas de se explicar o enunciado “*A casa é minha!*”, uma vez que a felicidade de Garfield seria explicada através das inferências de adversidades que sugeririam que, como consequência, ele herdasse a casa. No entanto, essa seria somente uma das possíveis leituras.

Um fator comum para esse tipo de inferências (os subentendidos) é que sendo colocados a teste, eles não se sustentam facilmente. Levemos em consideração a próxima tirinha, que traz em cena um caso de confronto direto dessas inferências.



(Disponível em: <<http://f.i.uol.com.br/folha/cartum/images/14221291.png>>. Acesso em: 11 ago. 2014)

Dispomos, na linguagem, de formas de realizar pedidos por meio de atos de fala indiretos. Isto se dá quando o locutor procura comunicar algo diferente do que foi expressado, dependendo do reconhecimento de sua intenção comunicativa por parte do interlocutor. A tirinha anterior traz uma forma interessante de se mostrar, na própria enunciação, que o

subentendido é dependente do interlocutor. Por exemplo, ao pedir um abraço, a intencionalidade da proposição inicial é entendida pelo interlocutor Julio de forma diferente da concebida pela sua locutora (Gina). Julio optou por associar o pedido de abraço a uma interpretação ligada à carência, “*Que foi, tá **carente**?*”, enquanto Gina fundamentou seu pedido inicial na noção de frio exposta na sua proposição seguinte.

Carência e frio podem ser, até o momento de esclarecimento da sentença: “*Não, é **frio** mesmo!*”, entendimentos diferentes para um mesmo pedido; ambos podendo ser interpretados como subentendidos da primeira proposição.

No entanto, a refutação de um implícito subentendido é mais facilmente realizada. Isso porque, mesmo que a intenção original da fala inicial de Gina atuasse em um esquema de carência, não está explicitamente marcado quanto se houvesse marcas linguísticas que pudessem evidenciar tal inferência. Marca-se, portanto, uma maior instabilidade argumentativa no nível do subentendido se compararmos com as inferências de nível do pressuposto.

Por fim, analisaremos a seguinte tirinha:



(Disponível em: <<http://f.i.uol.com.br/folha/cartum/images/14191192.jpeg>>. Acesso em: 17 jul. 2014)

O ambiente dessa tira não muda drasticamente, apenas obtém-se uma imagem mais distante e ampla da tirinha até o enunciado: “*O autor em sua quinquagésima crise da semana.*”. Um entendimento possível é que há uma mesmice em crises, inclusive em crises artísticas. Dois fatos chamam a atenção para essa leitura: o primeiro se dá pela repetição dos quadros da tirinha; o segundo pelo enunciado “*O autor em sua quinquagésima crise da semana.*”.

O segundo se dá pelo uso do item lexical *quinquagésima* que, nesse contexto enunciativo, parece se realizar como um iterativo, acionando pressuposição, pois caracteriza que determinada ação, na tira a crise do autor, se repete ou já aconteceu. Repetição que é, de certa forma, acentuada se considerarmos que *quinquagésima* evoca uma série com cinquenta elementos.

Buscamos, nesta seção, caracterizar como a natureza argumentativa da linguagem está presente na produção de enunciados em tirinhas. Sobretudo, buscamos focar nos processos inferenciais de pressuposição e subentendido pertinentes às questões de leitura. Passaremos agora a traçar as considerações finais.

Considerações Finais

Procuramos demonstrar, por meio dos dados escolhidos, que certas interpretações de inferências linguístico-discursivas estruturam a enunciação de forma a colocar no uso da linguagem uma força argumentativa. Compreendemos que os pressupostos apresentam-se como inferências registradas na estrutura linguístico-discursiva, que permitem identificar informações adicionais veiculada no enunciado. Enquanto que os subentendidos se constituem

como uma inferência contextual ou pragmática, de diferentes graus de comprovação, sob a responsabilidade do interlocutor.

A teoria adotada, nesta pesquisa, procura compreender sobre as diferentes formas sobre as quais os usuários de uma língua possuem para veicular informações implícitas ou explícitas. Buscamos demonstrar, neste texto, que a linguagem usada pelos falantes revela certas forças argumentativas que enquadram a compreensão de uma gama de sentidos possíveis na enunciação. Foi com essa finalidade que nos propusemos a analisar tais efeitos na leitura do gênero tirinha.

As diferentes possibilidades de veiculação de sentido demonstram a capacidade dinâmica da linguagem, e pedem uma maior atenção no seu processo de interpretação. Compete ao ensino linguístico, portanto, uma maior sistematização de atividades que busquem explorar esse reconhecimento argumentativo da linguagem em sala de aula, buscando atingir um estudo mais reflexivo sobre a língua.

O *corpus*, aqui analisado, dá apenas uma visão parcial desse fenômeno, mas consideramos que, diante do exposto e em acordo com pesquisas já desenvolvidas, é possível avaliar o papel significativo desempenhado pelas inferências linguísticas e pragmáticas no uso da linguagem. A fim de tentar desenvolver a capacidade leitora de alunos de língua, a educação linguística precisa agregar a si uma prática que busque o fechamento entre a distância, muitas vezes estabelecida, entre teoria Linguística e prática pedagógica. Essa prática possibilitaria um aprendizado de uma língua mais amplo e interessante, e, conseqüentemente, passaria a constituir uma formação linguística mais responsiva, possibilitando um ensino mais abrangente e crítico.

REFERÊNCIAS

ANGELI, A. F. Chiclete com Banana. Disponível em: <<http://f.i.uol.com.br/folha/cartum/images/14221291.png>>. Acesso em: 11 ago. 2014.

BARBISAN, L. B. *Semântica Argumentativa*. In: FERRAREZI JUNIOR, C.; BASSO, R. (Org.). **Semântica, Semânticas: uma introdução**. São Paulo: Contexto, 2013, p. 19-30.

BROWNE, D. Hagar, o Horrível. Disponível em: <<http://f.i.uol.com.br/folha/cartum/images/14192461.jpeg>>. Acesso em: 17 jul. 2014.

DAVIS, J. Garfield. Disponível em: <<http://f.i.uol.com.br/folha/cartum/images/14196292.jpeg>>. Acesso em: 17 jul. 2014.

DUCROT, O. *O dizer e o dito*. Campinas: Pontes, 1987.

_____. *Polifonia y argumentacion: conferencias del seminario Teoria de la argumentación y análisis del discurso*. Cali: Universidad del Valle, 1988.

ESPÍNDOLA, L. C. *Implícitos linguísticos e pragmáticos: pressupostos e subentendidos (Ducrot)*. In: ALDRIGUE, Ana Cristina de Souza; LEITE, Jan Edson Rodrigues. (Orgs.). **Linguagens: usos e reflexões**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2010, v. 06, p. 49-58.

FERNANDES, N. M. *Desenvolvimento de habilidades de leitura de textos a partir da análise de pressupostos e subentendidos*. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/ixsenefil/anais/11.htm>>. Acesso em: 11 de ago. 2014.

FIORIN, J. L. *A linguagem em uso*. In: FIORIN, J. L. (Org.). **Introdução à Linguística I. Princípios de análise**. São Paulo: Contexto, 2007, p. 165-185.

GALHARDO, C. Julio & Gina. Disponível em:
<<http://f.i.uol.com.br/folha/cartum/images/14221291.png>>. Acesso em: 11 ago. 2014

GONSALES, F. Níquel Náusea. Disponível em:
<<http://f.i.uol.com.br/folha/cartum/images/14219285.jpeg>>. Acesso em: 11 ago. 2014.

MOURA, H. M. M. *Significação e Contexto: uma introdução a questões de semântica e pragmática*. Florianópolis: Insular, 1999.